

CICLO E CRISE: LIMITES À CAPACIDADE DE UM CRESCIMENTO ECONÔMICO SUSTENTADO NA PERIFERIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO DIANTE DO CICLO RECENTE DE GRANDES INVESTIMENTOS¹

Bruno Leonardo Barth Sobral

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE/Uerj).
Mestre e doutor em desenvolvimento econômico, com especialização em economia regional e urbana,
pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp).

Não é exagero afirmar que a periferia metropolitana é o espaço mais problemático para a articulação de uma trajetória de desenvolvimento no estado do Rio de Janeiro. Qualquer estratégia política não pode desconsiderar a necessidade de requalificar o sentido histórico desse processo de metropolização, em particular superar a precariedade da densidade produtiva e o *deficit* em infraestrutura básica. Isso ganha importância com o advento de grandes projetos de investimento em sua periferia no período recente, notadamente nos setores siderúrgico, de derivados de petróleo e gás natural, naval e de logística. Por essa razão, cabe interrogar sobre o potencial que esse ciclo possui para alavancar um crescimento econômico regional sustentado diante das especificidades da região metropolitana (RM) do Rio de Janeiro.

Em perspectiva histórica, o desempenho da economia do estado do Rio de Janeiro é preocupante. Em um contexto de desindustrialização nacional, o grau de enfraquecimento de sua estrutura produtiva superou os efeitos mais gerais da “crise estrutural brasileira”. Nota-se que a especificidade do problema envolve uma questão metropolitana. É preciso ter claro que não há a superação de um estigma de “cidade-dormitório” para o conjunto da periferia metropolitana. Os efeitos da articulação econômica na RM do Rio de Janeiro ficam limitados por uma grande heterogeneidade interna, explicitada por uma relação centro-periferia e por uma dependência não desprezível da oferta de trabalho na capital fluminense (município do Rio de

Janeiro). Portanto, uma das razões para os problemas de dinamismo fluminense é um relativo vazio produtivo em sua periferia metropolitana.

A manutenção do estigma de “cidade-dormitório” na periferia da RM do Rio de Janeiro se reflete em uma segregação ampliada da força de trabalho. Além disso, também há carência de infraestruturas básicas. Soma-se ainda a perda de perspectiva para os jovens diante do peso significativo daqueles que não trabalham nem estudam (os chamados “nem-nem”). Nesse sentido, a questão metropolitana no estado do Rio de Janeiro envolve um conjunto de problemas de diversas naturezas que se retroalimentam em múltiplas dimensões e parâmetros estruturais (natureza da base produtiva, situação do mercado de trabalho, condições de vida segundo oferta de infraestrutura, serviços sociais etc.).

Apesar da gravidade dos problemas, somente nos últimos anos a preocupação com o planejamento integrado da RM do Rio de Janeiro voltou a ganhar maior importância. Todavia, esse esforço de planejamento surgiu *a posteriori*, em certa medida, sem conferir prioridade à questão econômica. Isso ocorreu porque o processo de crescimento vem sendo tratado pelo poder público estadual como algo já “contratado”, graças a uma série de “empreendimentos-âncoras” que está sendo realizada com apoio do governo federal, notadamente nos setores siderúrgico, derivados de petróleo e gás natural, naval e de logística. Contudo, uma boa concepção de planejamento deve ir além dessa visão estreita. Caso contrário, guiar-se-á basicamente pelos sintomas mais visíveis na estrutura da oferta e ao sabor de pressões ocasionais dos grandes interesses privados envolvidos.

Cabe enfatizar que o atual perfil econômico da região se refere a um conjunto de economias locais

1. A execução da pesquisa se beneficiou de bolsa de pesquisa oferecida pelo Ipea. Em especial, o autor agradece o suporte da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea e a supervisão de seu diretor, Cláudio Hamilton Matos dos Santos. Evidentemente, toda a responsabilidade pelo conteúdo do texto é do autor.

dominadas por atividades pouco indutoras. Diante disso, questiona-se a capacidade do ciclo recente de grandes investimentos de configurar setores líderes para a respectiva economia regional. Uma análise mais crítica revela que esse ciclo reflete o grau de especialização da estrutura produtiva (no sentido de tendência a uma “estrutura oca”) e demonstra que esse quadro tende a ser reforçado pelo processo atual de tomada de decisões estratégicas. Da mesma forma, evidencia o quanto um cenário de novas oportunidades de negócio está atrelado aos planos de investimento da Petrobras, e, conseqüentemente, à vulnerabilidade ante as dificuldades da estatal em executá-los. Em particular, é preciso ter claro que, apesar da dimensão do esforço de formação de capital, ainda se mostra tímida a sua capacidade de articulação intra e intersetorial.

O cerne do problema se refere a um quadro de ociosidade estrutural. Não havendo a correta condução, o atual ciclo de grandes investimentos pode reafirmar um rastro de vulnerabilidades, a ponto de desempenhar um papel mais perturbador que estruturante para um processo de crescimento econômico sustentado.

Especificamente, a dinâmica na periferia da RM do Rio de Janeiro evidencia uma lógica contraditória entre a influência direta que recebe de um ciclo de grandes investimentos de importância para o país (não desconsiderando sua notória irregularidade) e uma dinâmica regional dominada por setores pouco indutores, logo, em grande medida, “descolada” da agenda dos grandes desafios nacionais, como a retomada da industrialização brasileira. Dito em outras palavras, até o momento, o ciclo recente de investimento não redefiniu o sentido histórico da economia da periferia da RM do Rio de Janeiro, consolidando os setores líderes não apenas para o desenvolvimento de um complexo econômico regional, mas para requalificar o protagonismo nacional do estado sob uma ótica produtiva.